

# **ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE EM UMA NARRATIVA ERÓTICA ATUAL**

Rafael Lozano, Ana Cláudia Bortolozzi Maia. – Psicologia - Ciências Humanas - Departamento de Psicologia – Faculdade de Ciências – Campus de Bauru.

A linguagem escrita é uma das mais ricas formas de expressão da realidade humana e no âmbito da sexualidade utiliza-se de diversos formatos: textos literários, textos científicos, informativos, líricos, eróticos etc. No entanto a mensagem ideológica que os perpassa não está sempre explícita, e nem sempre é condizente com o ideal de possibilitar uma educação sexual emancipatória, que dê chance à experiência da sexualidade ampla e consciente. Ao contrário, a educação sexual representada pelo discurso pode representar a repressão sexual vigente.

Compreendemos por repressão sexual um determinado conjunto de regras, normas, leis e atitudes sobre sexualidade atribuído numa dada sociedade e cultura, acompanhadas da ameaça de isolamento e punições aos indivíduos se eles não seguem esses valores que têm formas específicas na religião, na moral, no direito e, no caso de nossa sociedade, na ciência também (CHAUÍ, 1985; FOUCAULT, 1988). Segundo Chauí (1985, p.9): “A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade”.

O processo de repressão sexual tanto pode ser evidente e explícito como velado e disfarçado, pois ele se revela não somente nas proibições, ou seja, nos imperativos negativos, como também nas permissões, aquelas regras do que se deve fazer (CHAUÍ, 1985). Os autores Maia & Maia (2005) esclarecem esta questão:

“Em geral, quando pensamos em repressão sexual, pensamos em contenção de alguns desejos, punição de alguns comportamentos ou, ainda, omissão e silêncio em relação a certas práticas. Mas, nesta reflexão, vamos argumentar que, muitas vezes, a repressão sexual ocorre também por meio de permissões ou da imposição de certas atitudes. [...] Será que a tolerância em relação à possibilidade de realizar certos atos sexuais, como o estímulo que ocorre no grupo de jovens à perda da virgindade e à ocorrência de relações sexuais não responsáveis antes do casamento, a pornografia de fácil acesso, a exposição de corpos desnudos em vários meios de comunicação, etc, não seriam formas veladas de repressão? Várias são as regras que nos oprimem diariamente. Embora tais regras não estejam consolidadas na forma de leis, há pressões sociais reais que se traduzem em obrigações para os indivíduos: ter que ser heterossexual, ter que se casar com tal idade (especialmente as mulheres), ter que ter filhos após o casamento (para a construção de uma família feliz), ter que ser bela (incluído aí um corpo escultural), ter que sentir orgasmos, ter que ter ereção e um bom desempenho sexual etc.” (MAIA & MAIA, 2005, p.51).

Na mesma direção, Marcuse (1988) discute a repressão no contexto da satisfação. Dizendo-se outro modo, em nossa sociedade há um tipo de repressão sexual que não é sentida como tal, uma vez que, como afirmam os autores Maia & Maia (2005, p.57):

“o sujeito tem várias liberdades, e pode usufruir de várias mercadorias que satisfazem seus desejos. Mas, justamente essa satisfação é repressiva porque implica, no próprio ato de satisfazer-se, a repressão, pois sempre o sujeito cede à sociedade na realização do ato. Isso porque a própria forma de obter satisfação é padronizada, isto é, não permite a expressão individual do desejo, elemento esse essencial à própria natureza deste desejo. A liberdade individual, a satisfação que afrontava a sociedade, que quando reprimida permitia constatar a distância entre os interesses do indivíduo e os interesses da cultura, é atualmente administrada tecnicamente de um modo que o indivíduo é reprimido sem que sinta a repressão.”

Diante do exposto, este estudo tem por objetivo analisar uma narrativa erótica destinada ao público adulto. A obra escolhida foi o livro “A Casa dos Budas Ditosos”, de autoria de João Ubaldo Ribeiro, publicado pela Editora Objetiva, Coleção Plenos Pecados-Luxúria, no ano de 1999. Embora

não se trate de um texto explicitamente educativo, acredita-se que esse tipo de texto também promova uma educação sexual por “formar opiniões”, possibilitando identificações e diferenciações ao leitor.

Após a leitura do texto foi realizada a análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977). O eixo teórico que norteou os agrupamentos temáticos foi o conceito de repressão sexual e a hipótese repressiva postulada por Foucault (1988).

Os resultados da análise configuram-se, num primeiro momento, na descrição da narrativa. O texto é estruturado como se fosse uma transcrição de fitas, com discurso informal, porém erudito. Trata-se da história de uma senhora de 68 anos (em 1998), lembrando suas vivências sexuais. O conteúdo é erótico, com descrições minuciosas de algumas cenas ocorridas e discussões sobre os fatos. Também é recheado de questões como os tabus sexuais (sexo com membros da igreja, virgindade, incesto), homossexualidade, religião, fetiches (zoofilia, sadomasoquismo), técnicas sexuais (como fazer sexo oral, masturbar o parceiro, gozar nas coxas), casamento, etc. No geral é um relato saudosista, sempre remetendo à história vivida pela personagem para analisar o quanto de prazer foi perdido na atualidade.

Em um segundo momento, os agrupamentos temáticos (categorias) analisados foram: a) Narrativa íntima e próxima como forma de projeção pessoal; b) Modelo de Desempenho Sexual: regras, técnicas e procedimentos para obter sucesso na resposta sexual: desejo, excitação e orgasmo (Masters & Johnson, 1949) e c) Modelo de Postura Liberal: viver o momento, romper padrões vigentes, usar linguagem obscena, ser adepta a parafilias e a desvios sexuais.

A forma próxima de narrar os fatos intensifica a relação íntima entre leitor e narrador, aumentando a afetuosidade quanto ao que é lido. Isto possibilita uma maior influência no pensar e agir do leitor, na medida em que permite identificações com a narradora, e elevando-a a um status de ideal a ser atingido tal qual os ideais comercializados pela mídia (“seja jovem”, “faça você mesmo”, “somente assim será feliz” – ideais individualistas e hedonistas – no caso do livro: “ninguém é monógamo”, p. 101; necessidade do “pau bem dimensionado”, p. 98; entre outros). As idéias são apresentadas como modelos de projeção pessoal.

Em outras passagens, as descrições pormenorizadas de sensações (tesão = cócegas, p.28; ações e sentimentos no decorrer do ato sexual; por exemplo), poderiam auxiliar um leitor talvez inexperiente a encontrar significados para coisas ainda não nomeadas, o que se caracteriza também como uma forma possível de educação sexual. A linguagem do texto é erudita, porém direta, não escondendo fatos; aliás, torna-os evidente. Isso talvez se deva à luta declarada (um dos objetivos declarados do texto) pela narradora contra a hipocrisia e os hipócritas (p. 34, por exemplo). Outra hipótese para o não esconder os fatos é o imperativo do “fazer falar” (Foucault, 1988) vigente atualmente: com a descrição minuciosa, centrada nos detalhes e intencionalmente não deixando escapar nada do discurso tem-se a dominação do falante, encerrando-lhe numa rede de discursos e multiplicando as possibilidades de dispositivos reguladores do sexo. A luta contra os hipócritas pode ser tanto libertária quanto a expressão de mais uma forma de repressão.

Uma personagem que expressa essa luta é Norma Lúcia, uma colega da senhora que dava “lições de anti-hipocrisia aplicada” (p. 35), com o intuito de fazer com que os “hipócritas” realizassem as ações por eles reprimidas. Isso culminou em sexo com professores, padres, freiras, animais etc. A forma, porém, dessa “anti-hipocrisia” corre o risco de se configurar como repressão sexual, no sentindo em que dá métodos, técnicas, “manobras” de como se realizar o ato sexual. Acredita-se que as descrições pormenorizadas do como transar em alguns momentos cabem no texto, no sentido de torná-lo erótico, mas algumas maneiras de dizer parecem apontar para “este ser o único caminho certo” (“as *melhores* mulheres”, p. 54; a descrição das “manobras”, p. 34; “eu era *ótima*”, p. 37; por exemplo); a repressão se dá pela junção entre forma e conteúdo, quando ambos convergem para a tipificação do sexo e impedem a compreensão desse fenômeno como expressão única e subjetiva de cada pessoa. O livro pode até ter um sentido de “arte erótica”, mas também se configura como um discurso repressivo.

Quando fala sobre seu próprio desenvolvimento sexual, a personagem se diz “nata” (p. 30 e 64) ou “enviada por Deus” (p. 87). Considera: sua primeira vez com o “negrinho” (p. 27-29); suas aventuras com os americanos (p. 41-47 e posteriormente p. 103-113); o “desvirginamento” (desde “*la grande séduction*” – p. 61 – até o ato final – p. 78); o caso com seu tio (p. 83-89), entre outros; as melhores expressões de suas potencialidades. Diz também, em suas vivências, ter “treinado” muitos a também exercer isso – considera-se uma “santa”. Norma Lúcia também a auxiliou nestas descobertas,

propondo as “manobras de pegar no pau” e “manobras para chupar” (p. 34) e maneiras de fazer sexo anal (p. 56-57). Estas técnicas, no entanto, sugerem um ideal de “inocência” (que é o seu oposto), supondo que esse seria a melhor forma de conquistar homens.

O texto também é recheado de digressões filosóficas, abordando questões como “linguagem em Lacan” (p. 91), eufemismos na linguagem (p. 89-90), o “politeísmo católico” (p. 14-16), a “himenolatria” (p. 40), repressão sexual (p. 45-46), entre outros. Essa forma de escrita serve ao propósito do livro de mimetizar um relato transcrito. O fluxo das histórias encadeia-se; inicia com uma proposta de liberação sexual através das palavras (p. 46 e 91) – termina sendo apenas um relato de uma pessoa às vésperas da morte (p. 162). As digressões têm o papel de ajudar a personagem a tornar-se algo mais que uma libertina para o leitor. Servem também para situar o momento histórico pelo qual a personagem transita: uma senhora, neta de latifundiários baianos da década de 30-40, que teve a possibilidade de viajar ao exterior e atualmente mora no Rio de Janeiro – ou seja, alguém da classe média-alta, colocada na posição de ideal almejado.

Quanto à personagem Norma Lúcia, citada recorrentemente, é considerada uma “heroína” (p. 54) por ter lutado contra a repressão da época (por volta da década de 50). Ela e a personagem são confundidas ao realizarem diversas denúncias contra a repressão e a hipocrisia, sugerindo até uma identificação entre ambas; sob uma análise mais aprofundada, Norma Lúcia aparece recorrentemente no discurso da personagem como um *ideal* a ser atingido: “gozar por todos os orifícios” (p. 54), ser mais “tarada” (p. 34 e 50) que ela, não ter pudores quanto a diversos parceiros (p. 35), relata até mesmo ter inveja dela (p. 51) etc. Esse *ideal de eu* da personagem permeia todo o texto, deixando a impressão da personagem principal comparar-se constantemente. É possível então juntar o *ideal* com as “normas” e “manobras” em uma personagem só. Normas estas que encaixam-se na categoria do desempenho sexual analisada.

A principal denúncia quanto à repressão atual das técnicas sobre o corpo é a perda da criatividade (p. 54) no ato sexual. Aprendeu-se a gozar, na geração da personagem, por conta de necessidades reais – a moral rígida da época. Duas páginas depois (p. 56), entretanto, aponta normas e maneiras de não só fazer como gozar somente com sexo anal. A necessidade de ser “moderna” e “livre” (p. 46) culmina na prioridade do gozo por meio de técnicas. A penúltima digressão (p. 157-160) é sobre um ideal de preferências sexuais, que aponta para um “pansexualismo” (p. 159) quase que obrigatório (ao menos “para os normais”, p. 158), sustentado ao longo do texto com as descrições dos seus casos (o irmão, mistura de “masculinidade e feminilidade” p. 93-95; ela mesma, como já dito anteriormente; *Father Pat* que transa com ela e o irmão, p. 113). Esses ideais apresentados podem ser categorizados enquanto um modelo de postura liberal.

Conclui-se, a partir da análise, que o texto transita entre pólos repressores e libertinos, apontando para estereótipos em ambos; não os delata, no entanto. Isso condiz com a perspectiva do *discurso* para Foucault, que o concebe como uma manifestação de forças nas mais variadas direções, corporificando o poder no decorrer de seu desenvolvimento; entretanto esses poderes imanentes ao discurso não seguem uma linha rígida: manifestam-se muitas vezes de maneiras opostas, melhor dizendo, *diferentes*. É nessa diferença que reside a possibilidade de um ato libertário, mesmo quando trata-se de um discurso explicitamente repressor; ou vice-versa, justamente quando o discurso “veste-se” de um caráter libertário, isto pode representar uma “implantação perversa” (Foucault, 1988), ou seja: aparentando o caminho da liberdade, mina-se a possibilidade da expressão subjetiva (no caso, no campo da sexualidade) e multiplicam-se os terrenos possíveis onde este poder se faz valer.

Novas pesquisas precisam ser realizadas no sentido de denunciar as possíveis formas de repressão sexual presentes na atualidade. Ao que parece, há muito saímos de uma era quando a repressão era tida somente como um interdito; o imperativo atual é da ordem do “faça!”. Embora não se possa dizer que todo texto que se proponha a esclarecer questões da sexualidade humana seja em sua totalidade repressor, aponta-se sempre a necessidade da crítica do material lido, possibilitando assim uma apropriação reflexiva do conteúdo.

## Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.  
CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.  
FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Vol. 1: A Vontade de Saber. São Paulo: Graal, 1988.

MAIA, A.C.B.; MAIA, A.F. Processo de Educação e Repressão Sexual. In: MAIA, A.C.B.; MAIA, A. F. (ORG). *Sexualidade e Infância*. Cadernos CECEMCA no 1. Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF, 2005. (pp 46-64).

MARCUSE, H. *Eros e Civilização*: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1968.

MASTERS, W, H.; JOHNSON, V. E. *A conduta sexual humana*. Tradução Dante Costa, 3. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979.